

O IMAGINÁRIO LITERÁRIO EM NARRATIVAS DA ESCRITORA INDÍGENA LIA MINAPOTY

Data de aceite: 01/02/2024

Thayla Leite Alves

Delma Pacheco Sicsú

RESUMO: O presente artigo propõe um estudo acerca da imaginação literária em três obras da escritora indígena Lia Minapoty: “A árvore de carne”, “Com a noite veio o sono” e “Lua Menina e Menino Onça”. Em suas narrativas infantojuvenis, a escritora indígena baseia-se na cultura de seu povo Maraguá, que é conhecido por ser contador de histórias. O imaginário amazonense diz muito a respeito da identidade de cada etnia, como é caso dos índios Maraguá retratados pela escritora indígena, que trabalha em sua narrativa elementos sobre os mitos de origem que consiste de forma mágica dizer como o mundo foi criado e como os humanos se tornaram híbridos ou homens-animais. A mitologia indígena Maraguá, possui em sua essência contar a origem das coisas, fazendo uma conexão íntima entre o homem e a natureza, segundo seus saberes que foram transmitidos pelos mais velhos nas muitas histórias de lendas e ensinamentos. Lia Minapoty escrever com propriedade

em suas obras da cultura de seu povo Maraguá, ela é também uma das jovens lideranças nascida na aldeia Yābetue’y em 1989, na área indígena Maraguapajy, no rio Abacaxis, estado do Amazonas.

PALAVRA-CHAVE: Imaginário amazonense; mitos de origem; povo maraguá; Lia Minapoty

INTRODUÇÃO

O imaginário amazonense pelas mãos da escritora indígena Lia Minapoty, é significativo importante no campo literário, o ato de contar histórias do povo Maraguá, fez com que, sua ancestralidade, conhecimento, saberes, lendas e ensinamentos fosse passado continuamente ao longo de sua existência, de geração para geração. A origem das coisas é essencialmente ligado ao homem e a natureza, como se uma linha tênue se encarregasse desta conexão, na medida que este contexto místico transcendem para nossos dias, como forma de repensar ou de lembrar que um necessita do outro para se manter em harmonia. Neste

sentido cada obra traz ensinamentos indispensáveis para homem, pois todos pertencemos à mesma natureza segundo ao mito Maraguá. Essa relação entre homem e animal traz consigo a magia do princípio do mundo, onde entidades buscavam harmonia, onde o dia e a noite, o fogo, os alimentos, os homens e os animais, o tempo e a natureza são controlados por estas forças sobrenaturais. Para isto os contos a respeito do mitos dos quais estamos trabalhando aqui, nos reitera de quanto o imaginário literário de Lia Minapoty, nos dá muitas vertentes dos elementos de origem ou existências.

Simbolicamente os animais fazem parte da mitologia Maraguá, e nas três obras aqui apresentadas, esta metamorfose do homem em animal ou do animal em homem, é cercada de muito mistério. A obra “a arvore de carne e outros contos”, que é primeira obra publicada da escritora Lia Minapoty, conta um pouco da história de um pajé ou malyli na língua Maraguá, este possui muita sabedoria, além de que, sua pajelança era algo incomum. Certo dia após atender muitas pessoas deitou-se em sua rede onde passou por um leve sono, em seguida o mesmo foi surpreendido por uma voz lhe chamando. A voz então enalteceu a sabedoria do malyli e lhe deu instruções para ir até um lago, a partir daí a voz ordeno-lhe fazer um colar para aumentar seus poderes, mas com os poderes viriam as provações, então a voz lhe avisou dos perigos de perder o colar que havia feito:

- Não diga nada. Agora vá, pois tem alguém muito doente precisando de você e de seu colar. Mas lembre-se, isto é segredo. Se não guardar esse segredo, a aldeia vai sofrer uma terrível maldição. Você perderá sua sabedoria e não será mais malyli. Tem mais uma coisa. Antes de chegar à aldeia você enfrentará provações que o farão correr perigo, por isso, peça: perca tudo, menos o colar.

Pirai embarcou na canoa e se foi, remando com cuidado. Mais à frente viu uma enorme cobra com duas cabeças que, muita brava, esperava por Pirai na estrada do lago. Com medo, ele remou depressa para passar à frente da fera, mas a serpente chegou perto e falou:

- Me devolva meus dentes, pois quero morder e não posso.

Assustado, vendo que a serpente falava, Pirai pediu:

- Me perdoe, dona cobra, mas não tenho tempo. Há alguém doente e preciso ajudá-lo. (Minapoty, 2012, p. 15).

Neste trecho temos a cobra como animal falante assim como a onça que ele também encontra em seu caminho antes de chegar à aldeia, este contato com os animais a princípio é uma reivindicação pelos dentes que malyli havia pego para construir o colar. Neste sentido os dentes dos animais são fundamentais para sua sobrevivência, assim como os poderes do colar são para as pajelanças de malyli. Ao chegar a aldeia sem que vissem, usou o colar para salvar a vida de um dos seus, o que assustou já que o doente estava praticamente morto, mas muitos queriam saber a origem do colar e isso poderia trazer uma maldição para a aldeia então malyli resolveu ir até o lago e devolver o colar, lá um velho lhe esperava e achou sábio de sua parte devolver o colar, sendo que, não perderia seus poderes e sempre

que precisasse dos poderes colar ele poderia busca-lo. Diante deste contexto onde os saberes são postos a prova, as histórias de seres encantados traz a memória, a sabedoria ancestral de origem. Para isto o conto “a arvore de carne”, conta a história do Guarimonãg, pai do deus monãg, que tapou com barro uma espécie de caverna que havia na raiz de uma linda arvore, pois animais carnívoros lhe atacavam e entravam naquela cavidade, a partir daí a arvore secou e sua aparência foi modificando, transformando-se em carne, os frutos em olhos piscantes. Apesar de transforma-se em uma forma bizarra, a arvore protegeu Guarimonãg dos seres malignos, um troca de admiração e proteção.

Outro conto que se interliga ao que acabamos de ver é o conto “o protetor das arvores”, que aborda a origem da lenda do pai da mata, que conta a história de Mirápinima, que desde de crianças gostava de plantar arvores, e se entristecia até quando tinham que cortar a maniva para colher a mandioca. Quando se tornou rapaz poie-se a morar na mata, pouca ia à aldeia, comia carne de caça crua e sua aparência tornou-se animalesca, então passou a ser chamado de Ka’ápayá, pai do mato. Sempre evitava a tiração de madeira. A lenda conta que Mirápinima “se enjerou o pai do mato. Metade gente, metade fera”, (p.24), além de viver na floresta, cuida das arvores e pune quem extrai madeira de forma predatória. Sendo assim, essa forma hibrida do homem-natureza ou natureza-animal simbolizam o misto místico que rodeia a mitologia maraguá. Esta distinção das formas que trazem o equilíbrio das coisas. Como vemos por exemplo no conto “um casamento na aldeia”, que conta a história de Potyra, a índia mais linda da aldeia, que só poderia casar com o rapaz mais trabalhador da aldeia, logo seu destino se cruzou com Karuka, uma rapaz que pescava e caçava, mas não cultivava roça, o que era um dos pre-requisitos para casar-se com moça, então em corrida contra o tempo poie-se a fazer um roçado. O dia de procurar o marido ideal para Potyra chegou, e Karuka se lamentava por não terminar o trabalho antes da visitas dos velhos, mas algo extraordinário aconteceu, cupins muitos deles começaram a cavar seu roçado, e dezenas de inãbus surgiram plantando milho, ficou tão surpreendido que só conseguia agradecer a Monãg por ajuda-lo através dos animais. Outro conto é “a lagoa encantada”, conta a história de uma lagoa que tinha por nome Guapinary, ao ser encantada passou a chamar-se de Waruã. Era uma segunda-feira assombrosa, mas Malyli previu, que a noite seria difícil regada a muita dor, pois as almas perdidas que saem do fundo do mar são perigosas.

O único que desobedecia era Mayé, que resolvera pescar naquela noite, pois achava as previsões de Malyli uma bobagem, mas Malyli avisou que cem em cem anos estas almas surgem e se encontrarem alguém avançam em sua direção e o levam não se sabe para onde, foi o que aconteceu com Mayé, que ao perceber que a lua mudara de cor, lembrou que os mais velhos falam quando a lua muda de cor é aviso de algo ruim. Sua tentativa frustrada de sair do lago fez com que Malyli e outros dois fossem ao seu socorro, mas uma alma que andava sobre as aguas veio em sua direção e lhe falou a partir daquela noite a cada dois dias as almas viriam para assombras seu povo, mas havia

uma forma de não acontecer, Malyli teria que se sacrificar indo com as almas para salvar seu povo e assim o fez, entrou na água e sumiu, a voz ordenou que dois homens saíssem imediatamente da lagoa. As crenças mitológicas dos maraguá são em suma uma alegoria do sobrenatural. Em o conto “a origem do poço gurupápawa”, o malyli por nome Manãgá era o mais respeitado do povo maraguá, o desejo de comer carne anta gerou um círculo de acontecimentos sobre-humanos.

A obra “lua menina e menino onça”, conta a história do Kurumi Yagualary, que ainda criança se transformava em onça. Abandonado por todos inclusive pelos seus, assim foi em busca de um lugar para viver, encontrou uma praia de areia branquinha e lá adormeceu e sonhou com a lua azul, que desceu brilhando transformou-se em uma linda menina e juntos foram passear, quando o sol se pôs o Kurumi se perguntara se o sonho se tornaria realidade e passou a suspirar pela lua menina. Passaram a ter uma relação noturna, pois se tornaram muito amigos. Os elementos diurno e noturno nesta narrativa, se evidenciam pela metamorfose de ambos os personagens, o Kurumi possui uma transformação de homem-animal e lua azul filha da lua, tinha o poder de se transformar em uma linda menina. Essa união entre homem e onça na cultura maraguá é admirável, um ser híbrido é a espécie mais majestosa da floresta, ou seja, a natureza animal é inserida na natureza humana. Nesta perspectiva, a obra “com a noite veio o sono”, Lia Minapoty, trabalha de forma excepcional a origem da noite, pois segundo aos antigos maraguá não havia noite, apenas o dia, uma narrativa acerca da origem das coisas, do mundo.

O Imaginário amazonense

O imaginário amazonense é um vasto universo a ser contemplado, estudado e investigado. Este mundo de possibilidades fala muito da identidade de cada povo indígena, e quão importante é expandir esse imaginário. É com propriedade que Lia Minapoty apresenta seu imaginário, que nos permite conhecer um pouco mais da cultura Maraguá, em uma contínua luta pela preservação cultural de seu povo. A relação estabelecida com o imaginário amazonense vai além de conhecer ou entender uma cultura, e sim deleitar-se de uma literatura que era puramente oral. Minapoty traz em suas narrativas um misto da origem das coisas em uma relação entre o homem e natureza que agrega muitos saberes e valores.

Narrativas literárias de temáticas produzidas por escritores indígenas amazonenses têm surgido no mercado editorial com o número significativo de publicações. O escritor indígena é quem lança um seu olhar em torno de sua cultura na literatura que ele produz. O estado do Amazonas, geograficamente, gigante e etnicamente diversificado, concentra diferentes povos indígenas com diferentes culturas. Entre essas etnias encontram-se os maraguás, conhecido como povo das visagens, habitantes próximo ao Rio Abacaxis, entre os municípios de Maués e Nova Olinda do Norte. (PEREIRA. SICSÚ, 2019, p.59).

Escritores indígenas amazonenses como Yaguarê Yamã, Roni Wasiry, Elias Yagukange Uziel Guaynê, autores da obra Maraguapeyarade, de cunho científico e ficcional.

O livro Maraguapeyara de autoria dos escritores ora mencionados, fornece informações importantes acerca da etnia Maraguá, contemplando aspectos históricos, culturais, geográficos; sobre o sagrado, e principalmente sobre as narrativas orais e escritas no livro. Necessário destacar o espaço geográfico, em que se localiza a etnia Maraguá, a fim de compreendermos como ele interfere na produção literária dos escritores, anteriormente referenciados.

O escritor indígena amazonense da etnia Maraguá, traz em sua literatura o homem da floresta, um passado histórico e cultural que transcendem noutros contextos culturais por através do livro impresso e isso significativamente importante.

O imaginário amazonense engloba as representações simbólicas, mitológicas e culturais do estado do Amazonas, localizado na região amazônica do Brasil. O imaginário é construído a partir dos diferentes elementos que compõem a identidade amazônica, como a exuberante biodiversidade da floresta amazônica, os mitos e lendas indígenas, a cultura ribeirinha e cabocla, as tradições religiosas, as festas folclóricas, entre outros.

Explorar o imaginário amazonense é adentrar um universo rico em saberes tradicionais e representações culturais únicas. É uma maneira de compreender e valorizar a diversidade e a riqueza da região amazônica e suas comunidades, além de resgatar e preservar a memória coletiva desse lugar.

A importância da escrita indígena: Lia Minapoty

Hoje temos grandes escritores indígenas, um dos nomes mais expressivos é o de Daniel Munduruku, que em 1996, publicou sua primeira obra, Histórias de Índio. Outros escritores que se destacam são: Davi Kopenawa, Olívio Jekupé, Eliane Potiguara, Yaguarê Yamã, Lia Minapoty e muitos outros. A importância de trazer toda uma cultura desses povos através de uma literatura que contempla as tradições, os conhecimentos ancestrais e o reconhecimento dos seus valores e saberes. Nesta perspectiva é válido falar que a escrita uma mulher indígena, não se inferioriza diante da escrita de um escritor indígena, ambos escrevem com propriedade.

As narrativas que são produzidas por esses escritores em sua maioria de origem de uma literatura de oralidade, agora também se realizam com o suporte impresso, uma forma de representação indígena que perpetua e ao mesmo tempo provoca uma reflexão e compreensão dessa relação íntima entre o homem e natureza. Mais especificamente é uma literatura essencialmente legítima, já que é escrita pelo próprio indígena, e não uma literatura escrita pelo não-indígena que cria suas próprias concepções, um olhar superficial que difere do olhar clínico do próprio índio. Mas, muito mais que uma escrita “mecanismo de defesa”:

O processo de contato de imposição da cultura do branco sobre os povos indígenas da Amazônia, ainda, é muito presente. A interferência do branco, por um lado, é tomada pelo indígena como meio de se proteger; de sobreviver física e culturalmente. Por isso, usar como segunda língua, a língua do colonizador é necessária para que assim o indígena não apenas saiba dialogar com o branco, mas também, arquivar a memória de seu povo por meio da palavra escrita. Um índio, portanto, frequenta uma escola ou universidade vai além do direito inalienável educação, pois tem haver também com uma questão de sobrevivência.

A palavra escrita passa a ser o mecanismo de defesa, pois por meio dela poderão manter a história de seu povo no suporte livro. (PEREIRA. SICSÚ, 2019, p, 64)

A escrita permite que as narrativas indígenas, histórias, mitos e tradições sejam registrados e preservados ao longo do tempo. Isso é especialmente importante em um contexto em que as culturas indígenas estão em constante contato com culturas dominantes e podem sofrer pressões para se assimilarem ou esquecerem suas tradições. A escrita é uma forma de resistência cultural, ajudando a manter viva a língua e os conhecimentos tradicionais indígenas.

Através da escrita, as comunidades indígenas podem documentar sua história, seus territórios, suas lutas e suas demandas. Isso pode ser utilizado em processos de demarcação de terras, na defesa dos direitos territoriais, na busca por justiça e na garantia de acesso a serviços e políticas públicas adequadas. A capacidade de expressar-se por escrito, em sua própria língua e por meio de suas próprias histórias, pode ajudar a fortalecer a identidade indígena e proporcionar um senso de orgulho e valorização cultural. A escrita permite que os povos indígenas se afirmem e mostrem ao mundo a riqueza de sua herança cultural e conhecimentos.

A alfabetização e habilidades de escrita empoderam os indígenas, permitindo-lhes participar ativamente na sociedade, defender seus direitos, acessar oportunidades educacionais e profissionais e se engajar no diálogo intercultural. A escrita pode abrir portas para novas possibilidades e dar voz aos povos indígenas em diferentes contextos. É importante ressaltar que o uso da escrita não deve substituir ou diminuir a importância dos conhecimentos orais tradicionais indígenas, mas sim complementá-los, fornecendo uma ferramenta adicional de preservação, empoderamento e resistência.

O imaginário literário em três narrativas da escritora indígena Lia Minapoty

O imaginário é um sinônimo que emerge do inconsciente universal, dos significados históricos e culturais que os homens atribuem aos símbolos. Nesta perspectiva as narrativas da escritora indígena Lia Minapoty, se enquadram a psicanálise de Freud, que fundamenta a noção do inconsciente, considera o imaginário a princípio dos significados contidos na história individual e coletiva, que é quando o indivíduo produz seus sonhos ou

mitos e esses sonhos pessoais utilizam as imagens que são registros de suas experiências individuais como explica Trindade (1996):

O maravilhoso é a face noturna da existência, é o único verso do sonho e da magia que procedam ambos a transformações e metamorfose (a alquimia das coisas e dos seres) que seriam absolutamente impossíveis na vida cotidiana. (p.30 e 31)

...Aquele que lê ou escuta essas histórias –já que se trata muitas vezes de tradições orais - adere totalmente àquilo que lê ou escuta, pelo menos durante o tempo de leitura ou da audição. Não se põe em questão o que está escrito ou o que está sendo contado. (p.32)

Dentro do contexto de universo racional as narrativas de Minapoty são acontecimentos que não obedecem às leis naturais que regem a explicação do mundo, mas são histórias que saem do âmbito da oralidade e se efetua no campo da escrita de modo fabuloso, visto que:

[...] essa incerteza, tanto para o herói (real ou fictício) como para o leitor, não poderá nunca ser elucidada, a não ser pela própria saída do fantástico, seja em direção ao maravilhoso, seja em direção à ciência. Enquanto o imaginário do maravilhoso se situa deliberadamente no interior do sobrenatural, vive – ou cria – um mundo encantado ao qual aderimos, o fantástico supõe, como mostra bem Todorov, uma oscilação e uma hesitação sem fim entre o real e o sobrenatural, entre o que diz respeito a fenômenos naturais, logo físicos, que podem ou poderão “um dia ser explicados”, hipóteses metafísicas (TRINDADE, 1996, p.33).

As entidades, forças ou deuses que aparecem nas obras de Lia Minapoty, são responsáveis por manter ou interferir no equilíbrio das coisas. O imaginário rompe as fronteiras do tempo e do espaço, e até a própria lógica. Neste sentido os ensinamentos transcendem pela tradição cultural, que no caso do povo maraguá é contar histórias. Assim Pereira e Sicsú esclarecem:

Nesse cenário, surge a literatura indígena amazonense, que também pede passagem, lugar e reconhecimento. Uma literatura construída com elementos típicos do contexto amazônico, mas tratando nas malhas do discurso questões pertinentes ao Homem, num sentido universal. Temas, portanto, com a relação de alteridade, a morte, o amor, a violência, o poder, entre outros que norteiam a nossa condição humana, estão presentes nas narrativas indígenas amazonense, [...] (2019, p.70).

Nas narrativas indígenas o mito, as lendas, as crenças, os saberes e modo de ver o mundo, são presentes dentro do contexto amazônico. Essas histórias são passadas de geração em geração pelas comunidades indígenas. Elas podem abordar a criação do mundo, a relação com a natureza, a história de heróis e heroínas, entre outros temas. As narrativas indígenas são uma parte importante da cultura desses povos e desempenham um papel crucial na preservação de suas tradições e valores. A literatura indígena é fascinante, pois elas oferecem uma visão única do mundo e da cosmovisão indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas do imaginário literário indígena, mais especificamente do povo Maraguá, nas três obras de Lia Minapoty, estabelece uma legitimação da literatura indígena amazonense, tanto no contexto amazônico quanto para outras realidades. Esta transcendência que se faz agora por meio impresso, e que continua na oralidade, estabelece uma conexão significativa entre o homem e natureza. Os elementos que permeiam o imaginário acerca as origem das coisas, que são oriundos da mitologia Maraguá, trazem ensinamentos que homem saber, estreitando essa relação para que haja equilíbrio no contexto do sentido universal. Lia Minapoty transfere um pouco de sua cultura através da literatura, como forma de transcender seu espaço em outros lugares, seja por meio dos mitos, das lendas, das entidades sobrenaturais, seja por sua forma de ver o mundo.

Desta forma, a produção literária indígena desta autora, assim como de vários autores indígenas, é uma forma de expressão e preservação cultural. Embora a literatura indígena tenha sido predominantemente transmitida oralmente ao longo dos séculos, podemos ver essas obras literárias se expandirem na contemporaneidade. É importante lembrar que as histórias e produção literária são um aspecto importante da cultura e da identidade de um povo. Portanto, é essencial buscar e valorizar as vozes e perspectivas das comunidades indígenas ao explorar a literatura indígena, incluindo a dos Maraguá.

REFERÊNCIAS

MINAPOTY, Lia. **Com a noite veio o sono**. São Paulo: Leya, 2011.

MINAPOTY, Lia. **Lua-menina e Menino-onça**. Ilustrações de Suryara Bernadi. Belo horizonte: RHJ, 2014.

MINAPOTY, Lia; YAMÃ, Yaguarê. **A arvore de carne e outros contos**. Ilustrações de Mariana Newlands. São Paulo: Tordesilhinhas, 2012.

PEREIRA, Danglei de Castro. **Olhares em labirintos: modernidade e arte literária no (contra) tempo**. São Paulo: Pontes Editores, 2019.

YAMÃ, Yaguarê. **Kurumi Guarê no Coração da Amazônia**. Yaguarê Yamã; ilustrador do autor. – 1. Ed. – São Paulo: FTD, 2007.

TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.